EDWIGES DE SÁ PEREIRA: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DA ESCRITORA, FEMINISTA E EDUCADORA PERNAMBUCANA

Maruza Gabrielle Martins Campelo
(Graduanda em História – UNICAP)
maruzacampelo@gmail.com

Prof. Dr. Walter Valdevino, do Amaral
*(*Docente do Curso de História – UNICAP*)*
walterdoc@gmail.com

Resumo
As mudanças advindas com o processo de modernização ocorridas no final do século XIX propiciaram que as mulheres permeassem fora das relações intrafamiliares e defendessem com mais vigor os seus direitos. É nesse contexto que, após o levantamento biográfico da escritora Edwiges de Sá Pereira permitiu-nos compreender a sua atuação como mulher no âmbito da escrita, educação e feminismo no início do século XX e, como ela influenciou e foi influenciada pelo seu período. A partir de sua escrita foi reconhecida tanto em Pernambuco quanto no cenário nacional. Indo de frente com os preconceitos sexistas, ela ingressou, em 1920, no quadro de membros efetivos da Academia Pernambucana de Letras, tornando-se a primeira imortal do país. As suas obras, predominante em versos e prosas, tinham com o intuito de expressar sentimentos, nas quais, por muitas vezes se auto retratava; a sua visão de professora e feminista contribuíram no seu engajamento pela educação e direitos das mulheres. Para uma maior compreensão dessa temática, utilizaremos as concepções teórico-metodológicas de gênero e biografia, propostas respectivamente por Joan Scott e Benito Bisso Schmidt para entendermos a história e contribuição de Edwiges.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Biografia. Intelectuais.

O repertório do gênero narrativo biográfico na atualidade está cada vez mais em ascensão, ora pelo seu público na efervescência da busca por um modelo de modos, ora por um desbravamento da vida íntima dos personagens apresentados, em especial aqueles mais famosos, dos quais despertam uma tentativa por parte dos leitores em aproximá-los ao lado “comum dos mortais”. Esse ardor despertou um aumento na produção de obras biográficas como também nas autobiográficas, porém no que se diz respeito na produção das fontes históricas por intermédio da literatura, nem sempre foi bem vista pelos historiadores. A retomada de interesses

por pesquisas dessa área se deu principalmente a partir da terceira geração dos *Annales,* quando passaram a ser vistos como material de múltiplas análises e leituras na qual pode possibilitar a compreensão dos contextos sociais e culturais das experiências vividas através das personagens. É a partir dessa perspectiva, que Benito Bisso Schmidt faz a seguinte argumentação:

> Pode-se pensar, então, que o interesse contemporâneo pelas biografias, inclusive por parte dos historiadores, acompanha essa onda de história-memória, ou seja, os personagens do passado passaram a ser "ressuscitados" – ou, mais precisamente, recriados – com o objetivo de converterem-se em referências para os homens do presente e/ou como ícones de um passado idealizado, servindo de reforço a determinadas identidades de classe, gênero, raça geração, região, religião, nação, entre outras (2012, p. 6).

O estudo dessa temática é de grande importância para a execução desse trabalho, pois nos permite compreender a relação indivíduo-sociedade, como uma forma menos difusa entre si, na qual esboça as singularidades individuais e as influências que um indivíduo através do ambiente ou de um grupo social pode ser moldado, é com isso que a biografia histórica pode evidenciar até certo ponto, a forma como este sujeito é representado por esses grupos e como estes não seguem uma linha fixa homogenia, estando sempre em constante mudança (Cf.: SCHMIDT, 2012). Como cauciona a historiadora Sabina Loriga:

> Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade, ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiam à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e nas ineficácias normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas e na maneira pela qual os indivíduos, "façam" eles ou não a história, moldam e modificam as revelações de poder (1998, p. 249).

É a partir dela que propicia a análise dos relatos e das vivências do indivíduo em determinadas condições sociais (econômicas, culturais, sociais e políticas), que restabelece através da historiografia a consideração da dimensão histórica, em sua época, em sua sociedade, as relações do público e do privado, da singularidade e da pluralidade, do coletivo e do individualismo, do indivíduo com a sua própria

experiência (Cf.: MALATIAN, 2008). É com esse apoio, que nos debruçaremos na vida e obras da pernambucana Edwiges de Sá Pereira, que mesmo nascendo em um momento, em que a sociedade patriarcal maracava claramente as normas, conseguiu ter seu lugar de destaque, sendo uma grande figura feminina na história da literatura pernambucana. É mediante sua biografia e obras que buscaremos entender a história desta mulher e suas contribuições para o período que viveu.

Com o advento da modernidade, o final do século XIX e início do século XX, ficaram caracterizados por períodos de grandes agitações e de mudanças em seu cenário, ocorrendo inúmeras alterações sociais no Brasil, como por exemplo: abolição da escravidão, proclamação da República e outros processos de modernização dos centros urbano, influenciando no cotidiano dos brasileiros (Cf.: SILVA, 2009).

A modernidade não trouxe impacto somente no cenário urbano, afetou os meios de comunicações sociais e a vida no lar, propiciando modificações comportamentais e nas mentalidades da população, em especial o público feminino. Oferecendo uma maior oferta de afazeres na vida no lar, através salões de bailes, cinemas, teatros, clubes recreativos, permitindo um novo formato de vida no lazer. Nesse período a mulher passou a ter uma maior consciência em seus diretos, passando a defende-los com mais vigor.

Nesse período, mais precisamente o pós-guerra com a expansão da economia urbano-industrial, a mulher passa a experimentar mudanças em seu papel dentro da sociedade, “surgindo” a possibilidade de atuação dentro da imprensa. Aquelas que tinham uma condição mais elevada aproveitaram essas mudanças para adentrar e ampliar a sua participação dentro da sociedade. A partir dessa inclusão nas esferas públicas, começaram a ingressar e atuar em profissões que antes não eram de seus deveres e a constituir organizações feministas para lutar em prol de seus direitos civis e jurídicos, havendo assim uma mudança nas consciências femininas (Cf.: BESSE, OLIVEIRA, 1999). É nessa nova conjuntura que Alcileide Cabral do Nascimento comenta:

> Nesse cenário, as mulheres parecem gozar de maior liberdade, ao usufruir dos cafés, cinemas, da moda e das novas formas de

> sociabilidade. No entanto, sobre esse novo comportamento, pairam temores antigos e modernos de que esse 'excesso de liberdade' corrompa os cuidados com o lar, coloque em perigo a família e a honra feminina. Ademais, algumas mulheres, oriundas da classe média e alta, alçam outros voos para além do lar. Acadêmicas, médicas, advogadas, professoras e funcionárias públicas são algumas das profissões que empoderam o sexo feminino, abrem horizontes e novos questionamentos nas relações de gênero e na esfera política, da qual elas se encontram excluídas (2013, p. 41-42).

As mulheres da classe média começaram a experimentar uma maior liberdade urbana, mediadas pelos subprodutos do surto da economia de consumo, pela expansão de oportunidades educacionais e profissionais, visando as novas "funções" femininas, uma mulher trabalhadora e independente, isso porém ameaçava o poder daqueles que eram a favor de uma família tradicional, pois acreditavam que isso era a base para haver uma ordem social (Cf.: BESSE, OLIVEIRA, 1999).

Esse conceito entre a dominação masculina sobre o feminino, foi amplamente discuto no texto *Gênero: uma categoria útil de análise*, da historiadora Joan Scott, que ao longo do artigo comenta sobre a "Teoria do Patriarcado", que consiste na subordinação das mulheres e, portanto, encontram uma explicação para a "necessidade" do homem de dominá-las, é com isso que a autora analisa a retificação do ser feminino, que estava ligada como posse masculina, sendo utilizada como forma de sujeitar essas mulheres como seres submissos (Cf.: SCOTT, 1995).

Foi nessas circunstâncias que, no dia 25 de 1884, na pequena cidade de Barreiros, localizada em Pernambuco, nascia Edwiges de Sá Pereira. Seus pais, José Bonifácio (bacharel em direito e dono de engenho) e Maria Amélia de Sá Pereira (dona de casa); graças a situação financeira da família permitiu a garantia de seus estudos nos melhores colégios de Recife onde se tornou posteriormente professora – vale ressaltar que em seu tempo as mulheres não aprendiam a ler, principalmente aquelas do interior. Ela vinha de uma família com 11 irmãos, sendo a primeira de quatro irmãs; entre eles, os que mais se destacaram foram: Virgílio de Sá Pereira (advogado), Eugenio de Sá Pereira (advogado e poeta) e Eurico de Sá

Pereira (advogado e jornalista); já entre as suas irmãs, Edwiges foi a única a se destacar pela sua vida intelectual.

Desde muito cedo Edwiges demonstrava grande inclinação pela vida poética e pela literatura, compondo um dos seus primeiros textos que se tem registro o poema “Saudade”, escrito em 1895, quando tinha apenas 11 anos. Aos 13 anos de idade, juntamente com seu irmão, Eugenio de Sá Pereira, criou um jornalzinho de poesias e pequenos textos intitulado *Echo Juvenil*, que circulava entre seus familiares. Em 1897 alguns dos poemas que se encontravam nesse jornalzinho foram publicados por Arthur Zavedo no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, onde foi dada a primeira projeção nacional sobre a pequena poetiza. Após a grande repercussão de seu trabalho, o Dr. Antonio Souza Pinto incentiva Edwiges a publicar a coleção de 51 poemas encontrados no *Echo Juvenil*, os quais foram publicados com o título de *Campesinas*. Após a abolição da escravatura no país, no final do século XIX, o engenho da sua família faliu, levando José Bonifacio vendê-lo; após esse fato, com mais de sessenta anos, ele e sua família mudaram-se para o Recife, onde passou a ocupar um cargo de funcionário público (Cf.: AZEVEDO, 2009).

Em sua chegada à capital pernambucana, no ano de 1902, ela contribuiu para a fundação da revista *O Lyrio*, que circulou até 1904, este periódico tinha como intuito conscientizar as mulheres a educação era primordial para a sua independência social e econômica. Ainda neste mesmo ano, Eduardo de Carvalho fez uma bela crítica as suas obras e a convidou para ser sócia correspondente da Academia Pernambucana de Letras. Porém, a sua carreira na imprensa, ainda foi mais longe, tendo participação em diversos jornais, como podemos ver abaixo:

> A sua atuação na imprensa não se limitou a esta revista. Em Pernambuco, juntamente com o seu irmão Eugenio e o amigo Caetano Andrade, criou a revista Azul e Ouro; foi cronista do Jornal Pequeno; publicou alguns trabalhos nos jornais Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Jornal do Recife, O Tempo, A Província, A Tarde, A Nota e A Gazeta; também realizou algumas publicações na Revista da Academia Pernambucana de Letras, na Revista Pernambucana e no Almanaque Literário Pernambucano. Fora do estado, publicou alguns artigos e poesias: na Revista de Sciencias e Letras, e nos jornais Norte e Brasil Social (Rio de Janeiro); na Revista Educação e na Revista Feminina (São Paulo); no jornal O Escrínio (Rio Grande do Sul); no Almanach Luso-

> Brasileiro (Portugal); e uma revista da Suécia publicou em francês o seu poema “Madrigal” (AMARAL, 2011, p. 4-5).

A quantidade e qualidade de trabalhos produzidos por Edwiges de Sá Pereira são notáveis, além de sua participação na área jornalística, ainda se destacou na literatura, publicando os livros: *Campesinas* (1901); *Pela Mulher, para a mulher* (1932); *Um passado que não morre* (1945); *A influência da mulher na ação pacifista do após guerra* (1947); *Horas inúteis* (1960); *Jóia de Turco* e *Eva Militante*; infelizmente até o momento não encontramos nenhuma edição desses dois últimos.



Figura 1: Edwiges de Sá Pereira, disponível no site da FUNDAJ.

Acreditamos que, ainda vale salientar como se dava a formatação e a elaboração de seus poemas, que muitas vezes eram escritos em formato de soneto (estrutura fixa), compostas de quatro estrofes, dois quartetos (estrofe com quatro versos) e dois tercetos (estrofe com três versos). Como, por exemplo, o poema intitulado de *A uma estrela*, em que Edwiges mostra a harmonia entre os versos, a sua preferência por sonetos, abordando as suas emoções, e a presença do “eu lírico”:

> Aquela estrela que acompanha a lua/ Eu curiosa perguntei um dia:/ - Qual de vós vale mais, a que flutua/ no céu da minha fantasia,// Ou tu que no correr da noite fria/ Erras no céu assim, pálida e nua,/ Das esferas ouvindo essa harmonia/ Que até de ouvi-la o velho mar estua?// E a clara estrela disse-me: "Criança,/ Quando, fanada a ultima esperança,/ A alma ficar-te de ilusões vazia,// Inda has (sic) de ver-me fulgurar divina;/ Mas onde encontrarás a que ilumina/ O céu azul da tua fantasia? (PEREIRA, 1901, p. 79).

Ainda sobre sua vida Edwiges, destacamos que se formou na Escola Normal do Recife, onde lecionou as matérias de Prática Didática e Pedagogia, além de ser professora de Português do curso Comercial do Colégio Eucarístico, já no Instituto Nossa Senhora do Carmo, ministrou a aula de História do Brasil. Educando gerações durante um período de 30 anos, exercendo também a superintendência dos grupos escolares da capital pernambucana. Ela não se limitou apenas para a poesia, mas colaborou com a sua escrita para jornais do Recife, sendo eles o *Jornal Pequeno*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, sendo seus temas favoritos as reformas do ensino público do Recife, os direitos que a família e a mulher tinham dentro da sociedade (Cf.: AZEVEDO, 2009).

Edwiges não ficou centrada somente a pensar as altas classes sociais, ela incentivou as Escolas Rurais, Escolas Domésticas e Institutos profissionalizantes, conseguindo despertar os interesses do governador de Pernambuco, Sérgio Loreto, o qual no ano de 1925, a incumbiu de realizar estudos com objetivo de observar pedagogicamente essas escolas e institutos, que posteriormente iria ser elaborado um relatório desse levantamento; após um ano, esse relatório foi publicado com o título de *Impressões e Notas*, fazendo várias críticas ao sistema de funcionamento da educação de base no Brasil, argumentando que não corresponde as necessidades dos reais alunos e das especificidades de cada região, só servindo para cumprir metas. Outro ponto levantado pela educadora era à criação e difusão de escolas profissionalizantes que atendessem o público feminino, pois só assim iria diminuir a desigualdades entre os sexos. A educadora não se intimidou com os preconceitos machistas decorrente da época.

No dia 13 de maio de 1920, na Câmara dos Deputados do Recife, ocorreu a cerimônia da posse dos novos membros da Academia Pernambucana de Letras, na

qual seriam empossados os imortais: Oliveira Lima, Zeferino Galvão, Andrade Bezerra, João Barreto, Gonçalves Maia, Mario Melo, Pereira Alves e, entre eles estava Edwiges de Sá Pereira, a primeira mulher a fazer parte do quadro efetivo de uma Academia de Letras no país. Ela substituiu o Dr. João Baptista Regueira Costa na cadeira de n.7, que tinha como patrono o Antônio Peregrino Maciel Monteiro.

A sua vida foi repleta de realizações e lutas, principalmente no âmbito da educação, na qual efetuou diversos trabalhos, sendo eles: fundação das Caixas Econômicas Escolares, da Biblioteca do Ginásio Pernambucano e da Biblioteca Pública de Jaboatão; elaborou o Regimento Interno do Conselho Superior de Instrução Pública; escreveu para as escolas os *Analetos Pernambucanos*, *Rasgos Históricos Brasileiros* e *Pequeno Curso de Literatura Brasileira* (Cf.: AMARAL, 2011).

Além de colaborar com a imprensa feminista, pois acreditava que as mulheres deveriam ter acesso à educação e a cursos profissionalizantes; acreditamos que, justamente por isso, elaborou o texto *A influência da mulher na educação pacifista pós guerra*, em que abordava questões sobre o desarmamento, a difusão das questões feministas e, ainda, sobre a transformação do mundo, que em sua visão só se daria através da educação, uma vez que, as escolas deveriam contribuir na educação da nova geração repassando valores morais e éticos. Em outro momento desse livro, deixou clara a sua visão de como deveria ser as escolas, em sua concepção deveriam ser o lar ampliado, já que a mesma é a representação da família e da sociedade e não só mais um espaço pedagógico. É nesse âmbito que as mulheres têm como “dever”, serem as educadoras destes espaços, defendendo também uma sociedade mais pacífica, cabendo às mulheres participarem da construção desse ideal. E por fim, refere-se sobre a questão da educação infantil.

Nas décadas de 1920 e 1930, no prelúdio de inovações sociais e urbanas surge um grupo de pernambucanas que interviram em prol de uma maior inserção das mulheres na sociedade, elas fundaram no Recife a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, coordenada por Edwiges de Sá Pereira (Cf.: SILVA, 2012). A Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino surgiu no dia 31 de maio de 1931, por meio de encontros na casa da própria Edwiges, situada no bairro da Boa Vista. Para a historiadora Alcileide Cabral do Nascimento:

> Esse movimento teve mais visibilidade em prol dos direitos políticos para as mulheres, filiado ao movimento nacional de linha moderada e elitista, que buscava ampliar os marcos delimitadores da República brasileira liberal, de feição burguesa e base ruralista, falocêntrica e profundamente excludente. Em síntese, a luta tinha um foco: emancipar o sexo feminino, a partir da plataforma dos direitos - cidadania política, educação primária obrigatória, igualdade civil com os homens, legislação trabalhista protetora da mãe e da criança (2013, p. 06).

Ainda em 1931, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino realizou o II Congresso Internacional Feminista que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, no qual Edwiges, na condição de presidente da seção pernambucana, apresentou o trabalho *Pela mulher, para a mulher*, tendo como tema central a educação feminina (Cf.: AZEVEDO, 2009). Nesse trabalho, viabilizava ajudar a mulher com condições menos favoráveis, discorrendo as consequências das alterações da sociedade e as condições econômicas destas perante essas reformas, portanto, Edwiges classificava as mesmas em três categorias: as que não precisam trabalhar, as que precisam e sabem trabalhar e as que precisam e não sabem trabalhar (Cf.: PEREIRA, 1932).

As mulheres da primeira categoria inicialmente eram as tidas “rainhas dos lares”, difundidas no século XIX, porém essas mulheres que podiam trabalhar não ficavam mais limitadas dentro dos lares, pois começavam a atuar fora campo familiar, buscando seus direitos à instrução ao voto e ao trabalho. As segundas são aquelas que trabalhavam, em especial nas fábricas e exerciam profissões liberais. Ciente da situação das outras mulheres, as identificadas na terceira categoria, Edwiges acreditava que era necessário realizar algumas alterações e, para isso, se fazia preciso que a primeira e a segunda categorias se unissem para tentar contribuir para a “inclusão” da terceira. Para ela, as mulheres que se enquadravam nessa última categoria representavam o maior número das mulheres brasileiras, são aquelas marginalizadas e esquecidas pela sociedade, as prostitutas, as pedintes, uma vez que, lhes faltavam a educação, saúde e religião. Assim, a sua “salvação” deveria vir das outras mulheres, que deveriam realizar campanhas para ajudá-las. E

por fim, enfatiza que a educação é o pivô do melhoramento dos problemas que estavam ocorrendo em boa parte dos brasileiros.

Edwiges de Sá Pereira foi uma personalidade marcante na história da literatura pernambucana, que no dia 14 de agosto de 1958, faleceu em sua residência, situada na Rua Conselheiro Portela, bairro do Espinheiro, decorrente de uma trombose cerebral. Seu corpo foi velado e enterrado no cemitério de Santo Amaro; nessa ocasião, o professor Valdemar de Oliveira fez um discurso em nome da Academia Pernambucana de Letras, homenageando a ilustre imortal.

A sua história nos permite compreender as diversas faces de uma personagem que lutou por mais igualdade entre os sexos, por uma equidade na educação, que a partir de sua escrita conseguiu sair do anonimato do interior pernambucano para ser reconhecida em todo país. É nessas circunstâncias que, após o levantamento biográfico de Edwiges de Sá pereira, podemos perceber a sua atuação como mulher dentro de uma esfera que antes era negada ao sexo feminino, mas que, com as mudanças advindas da modernidade no final do século XIX e início do XX, o gênero feminino passou a permear fora das relações intrafamiliares, experimentando novas relações sociais, comportamentais e de trabalho, resultando numa possibilidade de atuação dentro da imprensa,

Esse contexto influenciou fortemente a vida de Edwiges, a qual, a partir de sua escrita sobre educação e feminismo. A sua trajetória e seus escritos possibilitaram debates sobre o feminismo, que percorreram não somente o Estado de Pernambuco, mas, teve alcance em diversas partes do país, com a sua marca de realizar ações que atingissem o cotidiano de todas as mulheres, independentemente de sua classe social.

Referências

AZEVEDO, Ferdinand. Cristãs Feministas em Pernambuco 1930-1950: A atuação de Edwiges de Sá Pereira, Dulce Chacon e Nair de Andrade. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, v. 8, p.167-200, 2009.

BESSE, Susan Kent; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **Modernizando a desigualdade:** reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

AMARAL, Walter Valdevino do. “Um passado que não morre”: traços biográficos de Edwiges de Sá Pereira. **Revista Ágora**, Vitória, n. 13, p. 01-16, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/agora/article/view/5044/3810>. Acesso em: 10 nov. 2018.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas**,1998.

MALATIAN, A biografia e a História. **Cadernos Cedem**. Franca/SP, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2008. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/view/518>. Acesso em: 10 nov. 2018.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. O bonde do desejo: o Movimento Feminista no Recife e o debate em torno do sexismo (1927-1931). **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 41-57, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/03.pdf>. Aceso em: 10 nov. 2018.

PEREIRA, Edwiges de Sá. **Campesinas**. Primeiros Versos. Recife: Imprensa Industrial, 1901.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Elsevier, 2012. p. 187-205.

SILVA, Ana Cristiane da. **Representações de moda na Bahia**: reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba. Dissertação
(Mestrado em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 16 dez. 2018.

PEREIRA, Edwiges de Sá. **Pela mulher, para a mulher**: Trabalho apresentado ao segundo congresso internacional feminista. Recife: Oficinas Gráficas da Associação da Boa Imprensa, 1932.

_____. **A influência da mulher na educação pacifista pós-guerra** (Conferência). Recife: Imprensa Industrial, 1947.